PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Formação de Professores e Humanidades

Curso de letras

DIEGO FRANCISCO DOS SANTOS

O ESPAÇO COMO REPRESENTAÇÃO NACIONAL E A DESMITIFICAÇÃO DOS HERÓIS EM **MAYOMBE**, DE PEPETELA.

GOIÂNIA

2022

DIEGO FRANCISCO DOS SANTOS

O ESPAÇO COMO REPRESENTAÇÃO NACIONAL E A DESMITIFICAÇÃO DOS HERÓIS EM **MAYOMBE**, DE PEPETELA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Português, do Curso de Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira.

Goiânia

2022

Dedico esse trabalho a todos que me ajudaram ao longo dessa caminhada.

A minha família que me fortaleceu e apoiou ao longo dessa jornada acadêmica.

A minha querida Helena, que trouxe alegria para todos nós. Sua presença alegra todos os meus dias.

**AGRADECIMENTOS**

A competência só é relevante quando há oportunidade.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sempre abençoar a vida desse seu humilde filho;

A minha mãe Luzia, meu pai José e a toda minha família;

A toda Pontifícia Universidade Católica de Goiás e todos os seus funcionários, considerando-a como uma entidade orgânica;

Agradecimento especial a todos os professores e responsáveis pelo funcionamento do Curso de Letras.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira, por sua parceria nessa importante fase da minha vida.

Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações?

(Pepetela, **Mayombe**. Eu, o narrador, sou Teoria)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto o romance **Mayombe**, de Pepetela, com destaque a relevância da construção estética do espaço. O brutal processo de colonização impôs um choque cultural que acabou por, violentamente, forjar um modelo de sociedade diverso do existente na Europa e, concomitantemente, daquele encontrado em África. Reconhecendo esse embate, Pepetela se propõe a configurar esteticamente esse novo modelo de sociedade. Rompendo paradigmas, o autor assume um discurso anticolonial que pretende denunciar as explorações causadas pelos estrangeiros naquela terra e, ao mesmo tempo, refletir sobre a estrutura de uma nova Angola. As imposições colonialistas, que ao mesmo tempo sofria transformações étnicas e sociais, não podiam mais ser apagadas. Com base nas obras de Antonio Candido, Antonio Dimas, Rita Chaves, dentre outros, faremos um estudo sobre o espaço e sua relação intrínseca com as personagens, com o enredo e com o contexto de **Mayombe**. Em geral, a análise do espaço é secundarizada pela crítica e, na hipótese aqui levantada, desempenha papel fundamental na construção de sentidos e de referências, pois não se limita apenas a ambientação dos fatos narrados no romance, transcendendo uma simples descrição de cenário. Nesse contexto, o espaço ganha relevância, já que as análises a se estabelecer partem sempre da simbiose entre sujeito e espaço. Essa relação na narrativa desmitifica os heróis e aborda de forma crítica a construção da nacionalidade de Angola, na hipótese aqui levantada.

**Palavras-chave**: Espaço no romance. Decolonialidade. **Mayombe**.

**ABSTRACT**

The present paper has as its object the novel **Mayombe**, by Pepetela, highlighting the relevance of the aesthetic construction of space. The brutal process of colonization imposed a cultural shock that ended up, violently, forging a model of society different from that existing in Europe and, at the same time, from that found in Africa. Recognizing this clash, Pepetela proposes to aesthetically configure this new model of society. Breaking paradigms, the author assumes an anti-colonial discourse that intends to denounce the exploitations caused by foreigners in that land and, at the same time, reflect on the structure of a new Angola. The colonialist impositions, which at the same time underwent ethnic and social transformations, could no longer be erased. Based on the researches of Antonio Candido, Antonio Dimas, Rita Chaves, among others, we will study the space and its intrinsic relationship with the characters, the plot and the context of **Mayombe**. In general, the analysis of space is secondary to critics and, in the hypothesis raised here, it plays a fundamental role in the construction of meanings and references, as it is not limited to the setting of the facts narrated in the novel, transcending a simple description of the scenario. In this context, space gains relevance, since the analyzes to be established always start from the symbiosis between subject and space. This relationship in the narrative demystifies the heroes and critically addresses the construction of Angola's nationality, in the hypothesis raised here.

**Keywords:** Space in the novel. Decoloniality. **Mayombe**.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1. O ESPAÇO ROMANESCO EM MAYOMBE: BREVES CONSIDERAÇÕES 10

1.1. Mayombe e Angola: Perspectiva nacional 11

1.2. A floresta que desafia e pune 15

2. A SIMBIOSE ENTRE ESPAÇO E PERSONAGENS 18

2.1. Os pontos de vista de uma nação 19

2.2. Deslocamento e perda de identidade 22

3. A DESCONSTRUÇÃO MÍTICA COMO CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO 25

3.1. A humanização como foco nas personagens 26

3.2. A singularidade de Sem Medo 28

CONSIDERAÇÕES FINAIS 30

REFERÊNCIAS 31

# INTRODUÇÃO

Buscamos demonstrar neste trabalho como é construída a relação estética na obra **Mayombe**, de Pepetela, analisando a estrutura artística do romance sob três aspectos principais: em um primeiro momento, mostraremos a relevância do espaço para a construção de sentidos e a relação direta com a sociedade em foco; no segundo, como os personagens estão relacionados com o meio e como isso eleva à nacionalidade, ou seja, como o autor elabora uma espécie de organicidade que atravessa a obra como um todo, exaltando as características de um povo. Por fim discute-se como essas relações, apesar de serem carregadas com um discurso que incita um pensamento ideológico, não se tornam triviais, mas conseguem caracterizar a nação, rompendo com os mitos e se aproximando cada vez mais da humanidade.

As manifestações pós-colonialistas são caracterizadas por um pensamento anticolonial, os indivíduos assumem a postura política de mobilização contra uma estrutura opressora. É nesse cenário que as referências começam a ser estabelecidas pelos indivíduos nativos, aqueles que antes eram apenas objetos, agora exercem politicamente sua voz e demonstram como a sua cultura é de fato.

Dito isso, Pepetela é um autor que dialoga com esse modelo artístico: sua obra é carregada de discurso político e nacionalista, sem, contudo, prescindir de uma complexa configuração estética. Isso ocorre porque o autor angolano se reconhece como tal e a cultura angolana está retratada em sua obra a partir dos olhos de um indivíduo que conhece sua estrutura interna e não a partir de perspectivas exóticas de uma pessoa distante que carrega o estigma do preconceito. A cultura é o primeiro traço que começa a ser apagado em sociedades colonizadas; o choque cultural deixa marcas em ambas as sociedades, mas é a cultura colonizada que vai passar por um processo agressivo de mutação e transformação. Esse processo interfere profundamente nos sistemas simbólicos e nas tradições de um povo, reconfigurando-os, tonando aquela sociedade totalmente distinta do que era inicialmente.

É nesse cenário que destacamos a relevância em buscar a tradição como forma de retomar características que foram perdidas, trazer valores que são relevantes para a sua cultura e não para uma sociedade estrangeira. Podemos destacar a oralidade presente no romance como uma dessas retomadas, contudo, o foco de nossa análise é a retomada do espaço como a característica nacional primordial na obra. É na floresta, na sua terra, que a luta ganha força e as características sociais angolanas são exaltadas em oposição a uma visão eurocêntrica.

É nessa relação criada entre espaço e personagens que Pepetela estrutura esteticamente o povo angolano, deixando que seus personagens falem o que o autor demonstra em diversos dilemas presentes na sociedade até então. A sociedade angolana também enfrenta problemas sociais como qualquer outro povo que vive em conjunto, mas esses problemas ainda são intensificados pelo processo de colonização. Em questão a isso, Pepetela vê no dialogismo, nos embates de ideias a resolução para os problemas e, nessa relação, ele não se fecha em apenas um tipo de discurso, mas deixa os variados pontos de vista atravessarem sua obra.

Conscientemente, tudo isso está alinhado a um pensamento ideológico e na obra fica clara a valorização que o autor concede ao Movimento Popular de Libertação de Angola – o MPLA. Contudo, não há, em seu discurso, uma elaboração de maneira ingênua: reconhece-se os defeitos e as limitações do próprio movimento e mesmo da sociedade angolana. Nesse sentido, o autor valoriza as características humanas e falhas dos indivíduos, desconstruindo uma ideia mítica sobre a luta pela independência de Angola.

# 1. O ESPAÇO ROMANESCO EM MAYOMBE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Em uma perspectiva pós-colonialista, podemos ressaltar que um dos principais discursos elaborados por Pepetela, em seu romance **Mayombe**, é o de rompimento das relações entre colonizador e colonizado. A luta pela liberdade e autonomia angolanas está dissolvida em toda a obra, tanto em aspectos ideológicos como em relação ao espaço e suas características sociais e econômicas. O foco é a busca pela identidade do povo de Angola que deve ser reencontrada, para que haja prosperidade e continuidade, pois a colonização é um processo que fere a integridade social. Pepetela esteve presente na luta pela libertação de Angola, batalhou ao lado de seu povo e certamente teve diversas experiências que podem ter influenciado sua composição romanesca.

Em uma vertente Naturalista - que não é o caso das obras de Pepetela - por exemplo, “a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade” (CANDIDO, 1973, p. 111), de modo que o escritor se manifestaria apenas como sujeito em determinada situação. Portanto, um texto naturalista estaria menos sujeito a receber influências externas aos fatos presenciados, constituindo mais uma retratação de fatos do que uma representação. A verossimilhança, evidentemente, torna-se uma característica fundamental dessas obras de ficção.

Por outro lado, outro ponto de vista mais atual seria entender uma obra literária sendo “constituída mais a partir de outras obras, que a precederam, do que em função de estímulos diretos da realidade” (CANDIDO, 1973, p. 111). Desse modo, é a tradição literária que vai dialogar com a obra do autor, transmutando a realidade, criando vários significados que vão compor um núcleo relevante para análises de sentido. Assim nos deparamos entre dois extremos: podemos encarar a obra como uma duplicação da realidade, e, por outro, uma arbitrariedade absoluta na construção da obra, relacionada a outros textos, o que não estabeleceria uma conexão direta com a realidade. Em ambos os casos a ligação entre realidade e ficção acaba secundarizada e a narração transforma-se apenas em um relato de acontecimentos ou em uma artificialidade sem vinculação com os significados de uma realidade.

Em alguns casos, o espaço estará tão diluído na construção narrativa que sua relevância acaba por desaparecer, deixando de adicionar sentidos. Talvez por esse motivo é que a crítica não dê muita relevância para uma análise do espaço dentro do romance, que, em geral, quase sempre é deixado de lado, prezando por estudos focados em outros elementos narrativos, provocando uma escassez teórica sobre o assunto. Segundo Antonio Dimas, “No quadro da sofisticação crítica […] alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou receptividade sistemática” (1985, p. 06). Nota-se que em muitos casos o espaço, na obra literária, está atrelado a uma relação de veracidade com o meio. Assim Dimas aponta que muitos autores objetivam o veraz e não o verossímil, em uma tentativa impossível de retratar o espaço com fidelidade absoluta. Isso é problemático para a análise da obra, pois “quem se propõe uma geografia literária pouco acrescenta ao estudo da literatura, uma vez que incorre numa espécie de reducionismo realista paralelo ao do escritor” (1985, p. 07).

Devemos, contudo, atentar-nos que **Mayombe** é uma obra que estabelece uma relação muito importante entre realidade e ficção. O romancista consegue estruturar uma narrativa que recupera características da tradição literária, mas, ao mesmo tempo, inova e elabora novas relações estéticas que julgamos ser de extrema relevância. Pepetela prima pela relação do espaço com o contexto, não se preocupando em descrever detidamente cada detalhe de como tudo aconteceu, mas em construir sentidos que julga relevantes para o contexto da obra. O autor transcende a descrição, partindo para uma relação mais profunda, orgânica, entre as personagens e o ambiente.

Logo, a personagem principal da obra é a própria floresta Mayombe - a segunda mais extensa do mundo, que atravessa Angola e mais três nações africanas. Assim, a floresta é a representação local e constitui parte fundamental da cultura angolana, uma vez que ela estabelece relação direta com os nativos daquela terra, tornando-se aquilo que protege e recusa todo tipo de ameaça para o povo.

Em **Mayombe** o espaço ganha destaque, estando em consonância com uma asserção de Antonio Dimas sobre esse elemento da narrativa: “o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos” (DIMAS, 1985, p. 06). Portanto, como já dito, a floresta incorpora o sentimento de nacionalidade, ou seja, pertence àquele espaço, auxilia e abriga os revolucionários, pois a liberdade do povo é sua própria liberdade. Assim fica claro por qual motivo analisaremos o espaço, pela “funcionalidade e organicidade” (DIMAS, 1985, p. 06) que Pepetela consegue arquitetar entre espaço e ação.

## 1.1. Mayombe e Angola: Perspectiva nacional

Pepetela encontra na natureza um recurso muito importante que caracteriza o continente africano. A riqueza e diversidade da fauna, flora e de recursos naturais é algo muito relevante sobre esse continente. Logo, é pertinente usar a floresta chamada Mayombe como plano de fundo de uma história focada em desvendar todo o processo de libertação do povo Angolano. Em todo o romance os personagens, que prezam pela liberdade da nação, estão em sintonia com o espaço.

No romance, a floresta é incorporada como uma entidade que é capaz de favorecer a luta dos nativos contra os colonizadores. De certa forma, ela abraça a causa dos guerrilheiros e em diversos momentos nos é mostrado como o Mayombe ajuda os soldados do MPLA: “E os homens ternaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores” (PEPETELA, 1993, p. 42). A organicidade entre o espaço e os indivíduos vai se tornando cada vez mais clara, uma vez que “a ligação era feita pelo verde” (PEPETELA, 1993, p. 42).

Desse modo, parece haver um sentimento de pertencimento à nação que é atribuído ao espaço. Pepetela consegue unificar os propósitos dos guerrilheiros com os da terra: “e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora” (PEPETELA, 1993, p. 42). A base rebelde encontra-se no meio do Mayombe, que “tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira” (PEPETELA, 1993, p.42), onde os soldados construíram seus abrigos, para descansarem e coordenarem os movimentos da luta: “Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas” (PEPETELA, 1993, p. 42).

Com isso, pode-se considerar que a descrição do espaço ultrapassaria a mera ambientação, pois há a busca pela construção de sentidos, apropriando-se do meio. A valorização das características nacionais é o principal foco, por seu turno: tudo giraria em torno de uma nova construção cultural, rompendo com uma perspectiva eurocêntrica excludente.

Segundo Rita Chaves, textos produzidos pelos colonizadores também dão ênfase a descrição da natureza africana, entretanto, mesmo quando demonstram fascínio, existe um tom de hostilidade, de perplexidade, evidenciando a situação de deslocamento que os europeus enfrentavam. Há um choque cultural, colocando ambas as culturas em conflito, de modo que são elencadas diversas incompatibilidades entre os costumes e as tradições - reverberadas no espaço romanesco. O colonialismo estabelece uma relação de valor entre as culturas, impondo o apagamento de todas as características culturais de um povo e implantando suas próprias. Os julgamentos tendem sempre a desfavorecer a cultura do outro, comparando dois processos de desenvolvimento distintos.

Cada cultura tem seu valor, ressaltado por suas características únicas. Assim, expor o que se entende por cultura é fundamental para a construção de um debate de como o sujeito marginalizado pelo processo de colonização é solapado pelo estrangeiro. O termo “cultura” tem uma dupla acepção etimológica: tanto pode significar “ato, efeito ou modo de cultivar”, como também “civilização” (CUNHA, 1982, p. 233). Se no primeiro, tem-se uma certa vinculação à dedicação ao trabalho agrícola, que, por seu turno, encerra em si uma ligação estreita com a terra e seus ciclos de plantio - daí se originando o termo “cultivo” -, o segundo estabelece uma concepção explicitamente ideológica: não possuir determinados padrões de comportamentos, valores e preceitos colocaria o sujeito - ou um grupo - no espaço da incultura.

Terry Eagleton (2005), ao abordar as definições de Raymond Williams para o termo “cultura”, afirma que o teórico distinguiu três sentidos modernos principais da palavra: “Com base em suas raízes etimológicas no trabalho rural, a palavra primeiro significa algo como ‘civilidade’; depois, no século XVIII, torna-se mais ou menos sinônima de ‘civilização’, no sentido de um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material” (EAGLETON, 2005, p. 19). O último desses três sentidos, segundo o autor de **A Ideia de Cultura**, desdobraria para o aspecto religioso, sobretudo quando contrastado entre as concepções francesa e germânica para o termo. Entretanto, ainda assim mantinha uma vinculação com a prática de determinadas ações consideradas por alguns como adequadas:

A cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política. A cultura vai de mãos dadas com o intercurso social já que esse intercurso que desfaz a rusticidade rural e traz os indivíduos para relacionamentos complexos, polindo assim suas arestas rudes (EAGLETON, 2005, p. 21).

 Essa dimensão política a que se refere Eagleton está presente em todo ato social, de uma certa forma. Como condições que possam envolver o Estado, por si, ela acaba por validar e, concomitantemente, desconsiderar aspectos ligados a diferentes grupos sociais, uma vez que o exercício do poder pressupõe um complexo jogo de interesses. Esse é o ponto abarcado por Pepetela: o sujeito que vive em um espaço de colonização tem a sua cultura aviltada, mas concomitantemente, reage a esse processo. Desse choque cultural, em Pepetela, pode-se considerar que há uma estruturação de uma terceira cultura, não em uma síntese redutora que pensaria uma junção de diferentes elementos, mas de um todo complexo que se inscreve, escreve e rescreve identidades em consonância, de alguma forma, com o Mayombe.

Uma visão nociva da natureza, do desconhecido, sempre colocará o indivíduo como aquele que precisa dominar o espaço e não consegue viver em harmonia com ele, destacando aspectos de uma cultura que se afasta da natureza. Assim, as ações dos colonizadores provocam uma anomalia que perturba o espaço, como podemos notar no trecho: “Ao dobrarem uma montanha, o zumbido duma serra mecânica fez-se ouvir, através dos mil zumbidos do Mayombe” (PEPETELA, 1993, p. 12), ou ainda “… e cobria os ruídos das folhas pisadas. Mesmo os pássaros estavam desorientados e não fugiam” (PEPETELA, 1993, p. 15). A dissonância causada pela ação de extração da madeira é evidente, a serra é a representação de um corpo estranho na natureza, muito contrário ao que os guerrilheiros representam.

A relação dos nativos com a floresta é pacífica, pois a sua sobrevivência depende da ligação entre sociedade e natureza - traço essencial de sua cultura. Ao estruturar sua narrativa, Pepetela deixa evidente como isso é importante. Há um momento no romance em que um dos soldados “contemplava os elefantes que se afastavam calmamente, agitando as trombas e as enormes orelhas, nada alarmados por aquela fila de homens de verde que saíam do verde imenso do Mayombe” (PEPETELA, 1993, p. 11). Logo, podemos notar que a presença dos soldados não perturbava a natureza, fortalecendo essa relação de pertencimento ao lugar. Essa noção nos apresenta uma grande vantagem dos combatentes angolanos, pois eles estavam integrados ao meio e tinham um vasto conhecimento sobre ele.

No primeiro capítulo do romance alguns soldados do MPLA marcham entre as árvores do Mayombe com o objetivo de concluir uma operação. Almejavam atacar um posto de extração de madeira comandado pelos colonizadores portugueses. Ocupação que domina os recursos e os trabalhadores nativos, além de lucrar com uma matéria-prima produzida fora de sua nação. Nesse sentido, vemos um grave ataque ao espaço, já que os trabalhadores são usados para retirarem recursos de sua nação, mas não em uma relação comercial: o que ocorre é um movimento de domínio e apropriação. Com a possibilidade de interromper o derrubamento das árvores, os soldados revolucionários buscam conscientizar o povo de como toda essa situação é opressora e criminosa.

Dentro da floresta, os angolanos conseguem armar emboscadas e despistar os soldados portugueses; o Mayombe os auxilia, mascarando suas feições e camuflando seus movimentos: “o inimigo não sabia o lugar para onde tinham retirado, […] cercados numa mata desconhecida e temível, que escondia monstros aterrorizadores” (PEPETELA, 1993, p. 33). A estrutura militar dos colonizadores é muito mais avançada que a dos revolucionários, contudo, no Mayombe essa vantagem bélica se torna ineficaz devido à impenetrabilidade da mata e do desconhecimento do espaço pelos estrangeiros. Portanto, podemos afirmar que há uma razão para os soldados continuarem ali, dentro da mata, pois seus recursos eram escassos, tanto no efetivo quanto em armamentos e comida, e todas as suas ações deveriam ser tomadas como cautela.

Em relação aos mantimentos, o próprio Mayombe se encarrega de auxiliar novamente os guerrilheiros: “A comida faltava e a mata criou as ‘comunas’, frutos secos, grandes amêndoas, cujo caroço era partido à faca e se comia natural ou assado” (PEPETELA, 1993, p. 42). As “comunas” eram um recurso que os soldados tinham para se alimentarem, além da caça e da pesca. Elas serviam como um recurso de emergência em momentos de extrema escassez de comida. Uma interpretação que podemos estabelecer em relação ao nome dado ao fruto é de uma certa referência à ideologia marxista difundida pelos intelectuais e que tem grande peso na obra de Pepetela. Muitos pontos de vista são baseados em um modelo social mais justo e menos opressor. Vale relembrar que Pepetela marca sua obra pelo dialogismo, ou seja, se propõem ao diálogo e tenta propor uma crítica entre os diversos discursos que atravessam Angola, naquele período.

No que se refere ao efetivo revolucionário, ao longo da obra vamos notando que a ação política vai influenciando a população, que em conjunto com a ação militar unifica o propósito do povo, constituindo assim a nova nacionalidade angolana. O povo toma consciência e, junto aos personagens, desenvolve-se ao longo da obra como resistentes ao projeto português. Tudo isso acontece organicamente, com as ideias que vão sendo estabelecidas. Assim essa nova formatação social não se estabelece a partir de perspectivas exteriores, mas sim de conceitos desenvolvidos dentro da cultura angola. Esses, por seu turno, acabam por englobar ideias estabelecidas fora do país. Em outras palavras, a influência externa só é nociva quando imposta pela força, propondo um apagamento cultural já mencionado. Pepetela tem consciência sobre diferentes culturas e propõe sua relação como forma de integração, mas essa integração tem que ser feita de dentro para fora, de modo que a nacionalidade seja hegemônica em relação às influências.

## 1.2. A floresta que desafia e pune

Em **Mayombe**, a natureza é apresentada como uma entidade que age, favorecendo os soldados do MPLA e expulsando os colonizadores. Em toda a obra poderemos encontrar movimentos que caracterizam o espaço, a floresta Mayombe, como um dos personagens mais importantes, se não o de maior relevância na obra. Entretanto Pepetela, ao construir sua fabulação, não deixa de trazer para a obra traços da natureza que são desafiadores tanto para os soldados revolucionários quanto para os portugueses - apesar de os primeiros claramente serem acolhidos pela mata, enquanto os segundo são rejeitados. Desse modo, apesar de auxiliar os soldados, o Mayombe também representa desafios que eles devem superar. Superação que será marca da vontade de mudança, da força do povo e “o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam” (PEPETELA, 1993, p. 42).

No começo do romance, o guerrilheiro apresentado como Teoria, machuca-se por causa do terreno, o que dificulta a caminhada deles. Isso gera um impacto sobre os movimentos que o grupo decide tomar: “Os primeiros minutos foram o inferno para Teoria. Agora ia melhor. Vencera o primeiro combate o mais duro” (PEPETELA, 1993, p. 29). Na base, os soldados encontram abrigo e refúgio, entretanto quando estão em missão, sua vontade é testada o tempo todo. Há momentos em que os soldados enfrentam situações de extremo desconforto, como quando chove durante a noite inteira: “Alguns guerrilheiros, entre os quais Sem Medo, conseguiram dormir. A maior parte, porém, não pregou olho, tremendo de frio e recebendo a chuva em todo o corpo” (PEPETELA, 1993, p. 29).

E o Mayombe nunca parava de desafiar os homens: “Encontraram uma montanha pela frente, que atacaram às duas da tarde. A primeira parte da montanha estava coberta de folhas de xikuanga, o que dificultava a ascensão” (PEPETELA, 1993, p. 27). Mas isso não faz com que os guerrilheiros recuem, seu propósito maior, a libertação do povo angolano, é o que lhes da força para continuar: “[as] mochilas pesavam nos ombros, as pernas vergavam-se. Paravam frequentemente, para retomar o fôlego. Quando parecia que se aproximavam do cume, surgia nova elevação” (PEPETELA, 1993, p. 27). Contudo, eles sempre continuavam.

Essa relação é importante para destacarmos como Pepetela conseguiu caminhar entre a realidade e a ficção. Como já exploramos, é essa relação que traz para a obra um grande valor estético. O espaço como representação da realidade, das vicissitudes enfrentadas, está como forma de exposição entre duas atitudes distintas, a dos revolucionários de MPLA, que enfrentam os desafios e continuam, em oposição aos soldados portugueses que se amedrontam e fogem perante os atritos causados pelo meio em que estão.

Assim, podemos explorar em **Mayombe** momentos em que os colonialistas estão sendo desafiados pelo próprio espaço, que como já dissemos representa um ambiente inóspito e ameaçador.

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens (PEPETELA, 1993, p. 42).

Na citação acima, o termo “Medo” conota o sentimento presente em todos os indivíduos inseridos no Mayombe. Contudo, é a atitude perante desse medo que caracteriza a diferença entre os sujeitos ineridos no processo de colonização: os soldados portugueses não se aventuram dentro da floresta, seu movimento é limitado pelas estradas, pois não ousam enfrentar o Mayombe e seus desafios, enquanto os rebeldes entendem àquele espaço como um todo complexo que acolhe, mas que tributa devoção, tal como um deus: o deus-Mayombe.

# 2. A SIMBIOSE ENTRE ESPAÇO E PERSONAGENS

Outra escolha estética que deve ser destacada na obra de Pepetela se trata do estabelecimento de um foco narrativo que favorece a visão de seus personagens. Sem se afastar da reflexão sobre a luta e a nobreza de seus objetivos, o autor opta em seu texto por um tipo de narrador distanciado e secundário, priorizando a voz de seus personagens, que descrevem sua própria história. Isso traz para seu discurso, como analisado por Chaves, “as sombras da dúvida e as hesitações que vão acompanhando os passos dos guerrilheiros e a transformação dos homens” (CHAVES, 2009, p. 126). Através da narrativa principal, vão se desencadeando outras histórias que compõem uma espécie de mosaico, remetendo à diversidade cultural que se estabelece pelo território angolano.

Assim, ao longo do debate entre os personagens que expõem sua perspectiva, nos são reveladas as dicotomias presentes na obra “branco/negro, português/africano, colonizador/colonizado, tão flagrantes na literatura colonial como na literatura anticolonial” (CHAVES, 2009, p. 126). Essas dicotomias, contudo, são relacionadas como forma de “rever algumas contradições e instaurar uma atmosfera reflexiva sobre o fenômeno da luta no momento mesmo em que ela está a decorrer” (CHAVES, 2009, p. 127).

Segundo Antonio Candido, um erro frequentemente cometido pela crítica é pensar que o essencial no romance é a personagem, como se esta independesse totalmente de outros fatores presentes no texto: “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 1968, p. 39). Assim, podemos afirmar que o personagem é a matéria mais comunicativa e atuante das obras romanescas, pois é a partir dele que serão estabelecidos os mecanismos de identificação, projeção e transferência que farão com que os leitores se aproximem do personagem e aceitem a sua perspectiva de mundo. No fim, é a construção estrutural a maior responsável pela força e eficácia de um romance, conforme apontou Candido.

Dito isso, a construção literária se desenvolve sobre um paradoxo: “[a] possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 1968, p. 40). Damos destaque então a uma característica primordial das obras literárias, a verossimilhança, que funciona como um liame entre o ser humano e o ser fictício, sendo a concretização desse a manifestação do/pelo personagem na obra.

Essa relação é essencial para compreendermos como Pepetela, a partir das imagens de seus companheiros de batalha e da sociedade angolana em geral, construiu personagens que refletiram os dilemas daquela época na obra, delimitando as características culturais. Ainda nesse tema, Antonio Candido faz uma reflexão sobre as afinidades e diferenças entre os seres vivos e as personagens de ficção, relacionada com a limitação que temos em abranger completamente a personalidade do outro, pois somos seres complexos, propondo dois tipos de conhecimento: “o primeiro tipo de conhecimento se dirige a um domínio finito, que coincide com a superfície do corpo” (CANDIDO, 1968, p. 41), que se refere à percepção exterior que temos das pessoas, e nesse caso estamos limitados a conhecer apenas aquilo que nos é acessível, pois é a nossa própria subjetividade que vai definir um conceito prévio do outro; o segundo tipo, em contra partida, “se dirige a um domínio infinito, pois a sua natureza é oculta à exploração de qualquer sentido e não pode, em consequência, ser aprendida numa integridade que essencialmente não possui” (CANDIDO, 1968, p. 41), se referindo ao íntimo do ser, além de ser inacessível a uma percepção externa é um conceito indeterminado, incompleto, pois, como seres vivos, estamos em constante movimento e mudança.

O personagem ficcional também está submetido a esses conceitos, de modo que tudo o que nos é exposto são apenas fragmentos de uma personalidade mais complexa. Assim como na vida, nos textos romanescos “a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência” (CANDIDO, 1968, p. 43), com uma diferença fundamental, no romance é o autor que vai delimitar quais características são importantes, o que condicionará a nossa percepção sobre o personagem. Em outras palavras, o autor vai nos mostrar no personagem aquilo que ele deseja que aquele ser fictício represente, “marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza” (CANDIDO, 1968, p. 43).

Por fim, o que nos interessa neste capítulo é como Pepetela dissimula essa percepção limitada que temos do outro, dando voz a seus personagens. Segundo Candido, essa é uma característica dos romancistas modernos, que desenvolvem um enredo mais simples, mas que se aprofundam nos horizontes dos personagens, criando assim, nos leitores, a impressão de seres ilimitados, contraditórios e infinitos em sua riqueza. Essas são características imanentes em todos os personagens no romance **Mayombe**.

## 2.1 Os pontos de vista de uma nação

 Conforme apontado, em **Mayombe** a complexidade não está presente apenas no enredo, mas sobretudo na estruturação dos personagens. Segundo a crítica Rita Chaves, Pepetela vê no diálogo uma forma de integração, rejeitando quaisquer valores exclusivos e excludentes. Consequentemente a obra vai se constituindo pelas conversas entre os personagens, nos revelando suas histórias, seus medos, seus posicionamentos em relação a luta pela libertação e até mesmo o motivo pelo qual largaram tudo para reivindicar juntos, um propósito em comum.

 A diversidade é uma característica comum entre os soldados que protagonizam o romance - metonímia da sociedade angolana. Em alguns, ainda é forte a marca das diferentes tribos existentes em África, o que gera atrito entre os combatentes de diferentes regiões. Outros já partiram para outras nações, exploraram novas culturas, o que traz novos pontos de vista para o batalhão. Além disso, a própria ação colonialista é um fator que modifica o modo de pensar de alguns personagens. Pepetela opta por um narrador distanciado, que em diversos momentos, cede seu lugar para os personagens exporem suas singularidades e opiniões. Podemos notar que essa repartição de foco narrativo, entre os personagens, propõe “expressar a tensão interna do romance, expondo as contradições que nem mesmo a nobre motivação coletiva poderia diluir” (CHAVES, 2009, p. 135).

 Como foi dito, a relação entre os personagens é bastante conflituosa. Os exemplos estão nas diferentes ideias que criam tensão entre o comandante Sem Medo, o Comissário Político e o Chefe de Operações, relevantes para a análise que estamos propondo. São respectivamente o primeiro, segundo e terceiro no comando do grupo e a relação entre si é marcada pelos desacordos. O Comissário é mais jovem e aparentemente mais instruído que os outros; responsável pelo avanço político da luta, toma decisões calcadas em teorias mais modernas. Sua maior preocupação é a conscientização do povo em favor ao movimento, por isso sua caracterização nem sempre é militar. Há a consideração de questões políticas que possam favorecer o movimento. Há, entretanto, por vezes, uma inflexibilidade e, em sua opinião, a lei deveria permanecer acima de tudo.

O Chefe das Operações nos é apresentado como um bom soldado que, como todos, preza pelo avanço da luta. Ao contrário do Comissário, em alguns momentos é marcado pelo preconceito e pelo tribalismo, termo utilizado por Pepetela para se referir aos problemas gerados pelas oposições entre algumas tribos. Seu posicionamento é mais flexível em relação a alguns soldados e tem fortes receios em relação a outros, apesar de algumas vezes demonstrar indiferença.

 Logo no começo do romance, quando o personagem Teoria, em marcha pelo Mayombe, acaba por esfolar o joelho, prejudicando sua caminhada, há uma discussão se o soldado deveria ou não continuar. Comissário é o responsável pela decisão; Sem Medo questiona se Teoria conseguiria acompanhar o grupo, recebendo como resposta um sim assertivo. Nesse momento nos são reveladas três perspectivas divergentes: a do Comissário, que preza pela lógica e objetividade, afirmando que o soldado Teoria não tem condições de partir; a do comandante Sem Medo, reconhecendo que Teoria tem algum propósito em querer continuar; a do Chefe de Operações, que concorda sempre com o comandante, mas não demonstra muito interesse pelo assunto.

Nesse contexto, podemos explicar a perspicácia de Pepetela ao construir de maneira complexa a relação entre os personagens: há uma incapacidade de consenso entre os personagens. Tudo isso está relacionado com a dinâmica dessa nova sociedade que vai se estruturando com a passagem do colonialismo. Conforme aponta Rita Chaves, deve-se atentar que “a divisão do foco narrativo não deve ser vista como um simples artifício”, uma vez que “trata-se de um caso em que a forma é engendrada pelo conteúdo e se transforma ela mesma em fator de significação” (CHAVES, 2009, p. 134). Ou seja, Pepetela, ao partilhar o discurso e nos mostrar opiniões diversas, dentro de um grupo que prima pelos mesmos objetivos, está nos mostrando como se estruturava a sociedade angolana na época. Essa dissonância entre ideias e ideais é algo indissociável da realidade, já que o convívio em sociedade é marcado pela diversidade de opiniões, mais explícitas em sociedades democráticas.

 Diversidade que cria situações complicadas e que muitas vezes acabam por desestabilizar a base. Como podemos dar destaque ao caso de Lutamos, único soldado do grupo que pertencia à região de Cabinda, local onde o batalhão agia. Nesse local, a luta não avançava e o povo era extremamente subjugado pelos colonizadores, sem perspectiva de libertação. Todo esse contexto coloca muitos soldados contra Lutamos, já que ele pertencia a um grupo que, efetivamente, não aderiu ao movimento. Em quase toda a obra podemos evidenciar momentos em que os soldados vão questionar as atitudes de Lutamos, por esse simples fato.

 Outra situação é quando Sem Medo fica irado com a atitude de Vewê, um parente próximo do comandante. Situação que não passava de uma conspiração dos soldados que discordavam das atitudes e dos julgamentos de Sem Medo, tentando criar um conflito entre o Comissário, que era kimbundo, e Sem Medo.

Milagre é um dos soldados que, ao assumir como narrador, demonstra forte oposição ao comandante. É nascido em uma região kimbundo, e nos revela como foi difícil sua trajetória até o MPLA. Todas essas tragédias marcam o personagem que considera apenas os da sua tribo como qualificados para comandar. Nota-se claramente que a presença de indivíduos com perspectivas diferentes é algo muito complexo e a aceitação desse novo modelo é algo que vai acontecendo aos poucos.

 Quando os soldados vão atacar um ponto de extração de madeira comandado pelos portugueses, temos um momento de atrito entre o Comissário e o Chefe de Operações. Preocupado com a opinião dos cidadãos sobre o movimento, o Comissário propõe que desativem o ponto de extração e rendam os trabalhadores para que possam dialogar e, dessa forma, convencer o povo de Cabinda que sua luta busca um objetivo melhor para todos os angolanos. Já o Chefe de Operações, pretendia desviar do ponto de extração e focar nos soldados inimigos que patrulhavam a região, porque se atacassem antes, os soldados ficariam alarmados, o que tornaria mais difícil uma emboscada. É muito relevante como ambos enxergam o avanço de maneiras distintas: para um o principal é convencer a todos sobre a importância do movimento, e assim, estruturar uma massa popular consciente dos abusos, que expulse todos os indivíduos que exploram sua nação. Já o outro vê na força o foco principal, atacando diretamente as tropas inimigas para que se enfraqueçam e acabem perdendo o controle das regiões.

 Apesar de nos apresentar duas formas diferentes, podemos notar no romance uma maior valorização estabelecida pelo autor em relação à politização dos indivíduos. Como quando Mundo Novo e Lutamos estão conversando sobre educação. Lutamos não vê necessidade em estudar, já que não almeja cargos importantes, pretendendo ser apenas um soldado; Mundo Novo, diametralmente o inverso. Assim, longe de edulcorar um movimento complexo, a obra se estrutura em reconhecer as diversas junções - muitas das vezes divergentes que aqueles soldados têm entre si - para fazer emergir, esteticamente, um projeto de país que não simplifique ou mitifique seus próceres.

## 2.2. Deslocamento e perda de identidade

Outro tema levantado pelo autor, que também reflete o cenário social de Angola na época, é o universo de opressão e deslocamento enfrentado pelos mestiços em Angola. Problema introduzido pelo colonialismo e pela relação opressiva entre sociedades, esse cenário proporciona o surgimento de preconceitos em relação aos sujeitos miscigenados, que, além disso, cria um complexo nas pessoas de identidade híbrida, que questionam o seu pertencimento àquela sociedade. Na obra Pepetela, o personagem Teoria nos mostra toda a problemática dessa situação.

Teoria é angolano, sua mãe é africana e seu pai é português. O próprio personagem nos mostra a complicação dessa situação, afirmando que traz em si o inconciliável. “Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez” (PEPETELA, 1993, p. 04). De certa maneira, esse trecho - aqui neste trabalho também utilizado como epígrafe - mostra uma reflexão a respeito das perspectivas humanas em relação e como essa visão de mundo é direcionada por uma ideologia maniqueísta. Assim, a obra nos mostra como nossa compreensão de mundo é condicionada, sempre levando em consideração dois opostos. Nesse cenário o personagem fica descontextualizado já que ele traz consigo a união desses dois opostos. Portanto, Teoria faz um questionamento: são as coisas que devem se encaixar nesse modelo ou é essa visão de mundo que está equivocada? Na verdade, há, tanto na narrativa como para além dela, um mundo não de certezas, de ondulações entre os opostos, não marcado pelo sim e pelo não, pelo ser ou não ser, mas pelo talvez.

Por outro lado, há uma luta por aceitação do próprio Teoria, como se estivesse sempre a buscar legitimidade. Ele não é um combatente excepcional, mas sempre está a postos, se oferecendo para coisas que estão fora da sua obrigação, com o propósito de ser aceito como angolano pelos soldados. Isso porque, como já foi dito, o personagem sofre com um complexo de deslocamento: a seu ver, ele é diferente de todos os outros e isso cria a necessidade de que demonstre seu desejo de ajudar. Podemos vislumbrar esse caráter na própria Angola nascente, como que a justificar a luta pela independência como um processo de atingir algo maior: “Há vezes em que um homem precisa de sofrer, precisa de saber que está a sofrer e precisa de ultrapassar o sofrimento” (PEPETELA, 1993, p. 05). Dessa maneira, Teoria ainda não se aceita como mestiço e tenta se transformar em algo que seja aceito por todos. Vale ressaltar que, dentro do grupo de soldados, ninguém questiona a lealdade de Teoria por ele ser mestiço, mas seu trauma claramente se estabelece a partir de preconceitos, o que evidencia a segregação existente na sociedade angolana da época.

De certa forma, a guerra pela independência de Angola gerou um conflito étnico que buscou restaurar os valores e a pureza da tradição cultural – algo impossível frente ao choque existente no processo de colonização. Mas assim como Pepetela tenta nos mostrar, o objetivo de Teoria é lutar pelo seu direito de ser diferente, pela sua nacionalidade angolana híbrida e mestiça, voltada para os novos valores modernos de uma Angola livre. Por esse propósito ele abdica de muita coisa para se aliar ao MPLA, buscando um objetivo individual, mas que se alia aos do movimento.

Muatiânvua é outro personagem que sofre por causa da influência colonialista. A exploração do trabalho e das riquezas da terra é o tema que desenvolve a problemática do personagem. Ver o pai trabalhar nas minas de diamante, conviver com os problemas sociais existentes no país, fizeram com que ele quisesse explorar outros lugares, evadindo daquele contexto. Assim, decide se tornar um marinheiro, o que lhe proporciona diversas experiências e acesso a outras culturas. Em consonância com Teoria, o marinheiro Muatiânvua questiona os apontamentos tribalistas levantados pelos outros soldados. Como a pureza pode ser irrelevante em uma cultura atravessada por diversas outras, não havendo como distinguir mais as coisas, o personagem afirma “eu sou de todas as tribos, não só de Angola” (PEPETELA, 1993, p. 81), como de todo o continente africano.

Por fim, Pepetela usa esses personagens para nos mostrar como a estrutura social e cultural angolana está diferente. As reverberações do choque cultural, causadas pela relação entre as culturas não podem mais ser desfeitas. Tudo isso configura uma nova nação, com novos conceitos e novas maneiras de ver o mundo. A luta é pela aceitação desses novos conceitos, rompendo com uma perspectiva excludente e opressora, que mais exclui do que afirma os indivíduos como pertencentes à nação.

# 3. A DESCONSTRUÇÃO MÍTICA COMO CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO

A análise proposta por Flávio R. Kothe, em seu livro **O Herói**, tem relevância para o assunto que propomos desenvolver neste capítulo. O autor começa repensando as definições de personagem plano e esférico, que, em síntese, “Servem para caracterizar personagens simples e permanentes ou personagens que se modificam ao longo da narrativa” (KHOTE, 2000, p.05). Contudo, Khote afirma que essa noção parte de uma visão idealista da literatura e que existem outros fatores que influenciariam as estruturas dos personagens. Na perspectiva de Kothe, é a estruturação social do indivíduo que determina a sua consciência.

Nessa relação, podemos nos conscientizar da carga ideológica que toda obra literária vai carregar, intrinsecamente relacionada ao movimento das ações que vão direcioná-la, estruturando e comprovando aquilo que é esteticamente elaborado. Portanto, vale ressaltar que a obra literária representará de forma sintetizada a sociedade na qual o autor está inserido e que todas as relações elaboradas partirão de uma visão de mundo que é relacionada ao lugar que o indivíduo ocupa dentro dessa sociedade. Em síntese, é a partir da ideologia do ser social que as sequências da obra vão ganhando sentido. Logo, “Haver uma classe ‘alta’ e uma classe ‘baixa’ se reflete de modo fundamental e necessário na literatura” (KHOTE, 2000, p. 06), pois expõe uma realidade vivenciada e delimitando os paradigmas presentes na relação política estabelecida na própria sociedade.

Assim, a obra literária funcionaria como um sistema todo estruturado direcionado para mostrar como um indivíduo encara a sociedade em que está inserido. Khote utiliza o termo “dominante” para se referir ao tipo de relação que vai se desenvolver na obra, estabelecendo juízo de valor sobre os acontecimentos de toda a obra. O filósofo afirma que será através do herói que essa perspectiva dominante se desenvolverá, ditando o caminho mais adequado a seguir. Logo, é a partir dos personagens que o autor vai inserindo seus valores na obra e constituindo seu discurso direcionado pelo seu ponto de vista, sua subjetividade. É claro que a intenção do autor não é exatamente o foco da análise, já que, como dissemos, é uma característica muito íntima e subjetiva, impossível de ser alcançada. Portanto, devemos entender que, partindo das relações feitas, dos valores construídos, a obra literária funcionará como um instrumento que pode conscientizar ou dissimular.

Devemos atentar também para uma distinção muito importante estabelecida por Kothe em relação ao trivial e ao artístico. Levando em consideração o caráter político presente nas obras, o autor afirma que as “narrativas triviais de direita procuram apresentar a classe alta como elevada e a classe baixa como inferior” (KOTHE, 2000, p. 37). Já as narrativas com perspectivas progressistas aplicam isso de maneira inversa. Destarte, Kothe afirma que a relação entre opostos sempre estará presente em todos os tipos de obras, sendo elas triviais ou artísticas. Ele aponta que isso ocorre para “superar a visão limitada de uma classe” (KOTHE, 2000, p. 41), estabelecendo sentidos estagnados sobre aquele grupo social, determinando-o como alto ou baixo.

Logo, as ações do herói funcionariam de maneira dinâmica, causando determinada impressão no leitor, dependendo do que aconteça. Cabe ao autor determinar que tipo de personagem estará inserido em sua obra, quais serão seus valores, seus posicionamentos, seus medos e suas fraquezas. Dependendo da escolha, algumas características vão sobressair. Nesse contexto, a obra de Pepetela ganharia outro ponto relevante: há personagens que são heroicos, que combatem e são destemidos, mas que também são humanos, que têm medo e cometem erros. Assim, podemos inferir que há amálgama entre tradição e modernidade no romance de Pepetela.

## 3.1. A humanização como foco nas personagens

 Após essa breve introdução sobre o tema, podemos voltar ao **Mayombe** e explorar qual a configuração de personagem que Pepetela propõe em sua obra. Como já foi dito, todas as personagens construídas por Pepetela possuem características que vão evidenciar a humanidade, o caráter falho, a fraqueza, o medo. De certo modo, isso é o que desmitifica o caráter heroico das personagens, revelando que, apesar dos combatentes serem muito fortes e corajosos, também são falhos, erram, hesitam e questionam suas próprias decisões.

 Um primeiro apontamento que podemos fazer é em relação ao diretor do movimento, André, que é o responsável pelo suporte dos guerrilheiros do Mayombe. Por causa da necessidade de afastamento da cidade, causada pela luta, o Comissário João e sua noiva Ondina enfrentam um impasse para a continuidade de sua relação. Diante da falta de recursos na base, causada pela má gestão de André, o Comissário é encarregado de ir até a cidade entrar em contato com o diretor e solicitar mais recursos para a base. Nesse meio, somos contextualizados sobre a fragilidade da relação entre João e Ondina, causada pelo distanciamento e pela falta de conduta flexível do noivo, que preza sempre pelo correto, não admitindo deslizes ou flexibilizações. Seu propósito ali era em função do movimento e nada mais.

 A insatisfação com a gestão de André estava evidente, marcada pela corrupção. Em uma relação, André representaria exatamente o oposto de João, vivendo em função de seu próprio bem-estar e ignorando as necessidades do movimento. Quando o caso entre André e Ondina é descoberto, um escândalo se desenvolve em toda a cidade de Dolisie e a gestão de André acaba desmoronando.

 Em relação ao Comissário, podemos desenvolver a seguinte relação, em função ao Movimento Pela Libertação de Angola: suas atitudes podem ser consideradas elevadas, já que age acima de seu próprio prazer para que o MPLA atinja o seu propósito. Contudo, essa condição o coloca em um impasse já que, no que diz respeito a sua relação com Ondina, suas ações podem ser consideradas como baixas, pois não consegue dar a devida atenção a sua esposa. Em oposição a isso, temos o Diretor André, que ignora as necessidades do movimento, agindo sob uma perspectiva individualista. Nessa relação André indicia na narrativa um discurso que se opõem a ideologia dominante na obra, de que o movimento tem o objetivo justo, e que prima pelo benefício coletivo. Entretanto é neste ponto que se observa, assumindo esse ponto de vista, a humanidade de seu personagem que é passível de falhas. Podemos notar isso tanto em João quanto em André, mas sob relações opostas.

 No capítulo IV de **Mayombe**, temos outro exemplo que pode ser incluindo em nossa análise. Depois de todas as complicações causadas pela relação entre André e Ondina, e de outros fatores que complicam a relação de Sem Medo com o Comissário, a obra começa a mudar e os personagens ganham novas características, antes suprimidas. O comandante Sem Medo assume a gerência do movimento em Dolisie. Distante e sem comunicação com a base localizada no Mayombe, a notícia de que os portugueses estão adentrando a floresta e se aproximando da base perturbam Sem Medo.

 Nesse meio tempo, Sem Medo é informado de que a base está sendo atacada pelos portugueses. Assim o gestor temporário mobiliza todo o efetivo na cidade para auxiliar a base, já que essa é de extrema importância para a continuidade da luta na região. Todos se mostram dispostos a ajudar os guerrilheiros e nesse momento temos noção de que o efetivo do movimento está cada vez mais elevado. Contudo, quando chegam na base, tudo não passa de um mal-entendido: o que causa todo o alvoroço na base é apenas uma cobra Surucucu.

 Todo esse fato deixa mais claro ainda como Pepetela deixa os equívocos permearem nas ações de seus personagens, evidenciando que eles são heróis, mas que também cometem erros, que podem comprometer ou não a organização do movimento. Isso nos mostra o cenário de tensão presente, tanto para os indivíduos da base quanto para os que estavam fora dela, além de servir como iniciativa para a ação final que expulsa os colonizadores do Mayombe e começa a modificar os posicionamentos dos soldados.

 Também podemos destacar as atitudes do Comissário no ataque a base dos soldados portugueses. Nesse momento vemos um novo João, que não se preocupa mais com a ordem. Sem Medo aponta João como o novo comandante da base e afirma que estará presente no ataque, mas será o Comissário João quem dará as ordens. Tudo ocorre bem, até que João começa a tomar atitudes novas que contrariam seus valores antigos. Há uma nova personalidade, caracterizando-se como um personagem efetivamente esférico. Na batalha, o Comissário João avança sem nenhum pensamento lógico, apenas com o intuito de mostrar que é tão eficiente quanto Sem Medo. O Comissário quer mostrar seu valor, quer mostrar que é diferente daquilo que pensam sobre ele.

 Por fim, acreditamos ser evidente como a relação entre acerto e erro, baixo e alto estão estabelecidas em **Mayombe**. O autor faz questão de deixar evidente que todos são passíveis de erros e que é isso que caracteriza a humanidade, a capacidade de errar e aprender com isso, de mudar, de se adaptar. Seus personagens são heróis, mas que se apresentam como pessoas comuns - em sintonia com a própria floresta que tanto pode ser acolhedora, sem deixar de ser desafiadora, como também pode ser excludente.

## 3.2. A singularidade de Sem Medo

 Considerando tudo o que já foi dito, há na obra de Pepetela um personagem que deve ser analisado mais de perto. Existem alguns fatos sobre Sem Medo que acabam destoando suas características dos demais personagens. Por tal motivo acreditamos ser necessária uma ponderação em relação à ligação do personagem com a ideologia instaurada pelo autor.

 Recordando as afirmações passadas, Pepetela vê no diálogo, no debate de ideias a chave para a resolução dos problemas. Nesse contexto, Sem Medo se mostra como um personagem aberto, que observa e sempre escuta os companheiros. Em toda a obra encontraremos debates nos quais ele estará presente e nos parece que é Sem Medo quem sempre tem a resposta para o dilema enfrentado, que trará o melhor resultado para o movimento ou para a base. É claro que ele leva em consideração tudo o que os outros dizem, mas sempre nos parece que sua visão é mais nítida que a de seus companheiros: ele vê os fatos e leva em consideração muitas coisas que os outros personagens ignoram.

 Podemos notar isso quando Sem Medo e o Comissário debatem no começo da obra se Teoria, após se machucar, deveria continuar participando da operação ou não. Quando decidem se deveriam voltar ou não para a cidade, com a intenção de devolver o dinheiro que foi roubado de um trabalhador; ou quando Ondina confessa a traição para o Comissário: é Sem Medo quem aconselha o Comissário, fazendo com que o jovem não haja por impulso. Esses momentos de clareza estão presentes na grande maioria das ações do comandante, que nos parece ser usado pelo autor para manifestar certa carga ideológica, expondo a partir das movimentações e dos argumentos de Sem Medo o discurso que pensa ser mais coerente para o avanço de Angola como uma nação livre e unificada.

 Quando André é destituído da direção do movimento, quem assume o cargo temporário é o comandante da base. Nesse momento temos uma grande reviravolta na obra, alterando totalmente sua dinâmica. O Comissário começa a passar por um processo de amadurecimento, e há a inserção de indícios de que a luta pela libertação começa a ganhar apoio dos moradores locais. Logicamente esse processo é constante em toda a obra e o resultado final só é alcançado pelo esforço em conjunto dos revolucionários. Contudo, o que percebemos até então é que Sem Medo funciona como uma espécie de professor, que influencia e ensina seus discípulos.

 Uma análise muito comum feita pelos críticos que analisam o romance, é a oposição entre tradição e modernidade. Podemos notar esses dois extremos em todo o percurso da obra, que se manifestam através da miscigenação da sociedade angolana e das diferentes concepções conforme já trabalhamos. O comandante Sem Medo representa a tradição, reconhecendo que no fim da revolução não haverá mais espaço para ele nessa nova sociedade, mas sim de indivíduos politizados e conscientes. Em contra partida, é no Comissário João que Sem Medo vê um indivíduo que se encaixará perfeitamente nessa nova estrutura social. Portanto, o Comissário Político será a representação da modernidade, da nova geração que construirá uma nova Angola.

 No fim da obra, para salvar o Comissário, Sem Medo acaba por se ferir gravemente, o que resulta no momento mais trágico da obra. A morte de Sem Medo deixa evidente para nós alguns fatores. Podemos relacioná-la com a marca do fim de uma tradição, de um modelo até então estabelecido, dando início a uma nova estrutura. Outra relação seria a de humanização, pois a morte é uma das principais características humanas. Contudo, seu sacrifício está em função da continuação da luta, já que ele protege o Comissário, porque acredita que é a partir dele que a sociedade vai continuar no caminho correto. Nesse contexto, a morte acaba transformando Sem Medo em um mito.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter alcançado o objetivo de mostrar a relevância da obra de Pepetela, sob uma ótica que analisa o espaço e como sua relação com os indivíduos e, por fim, com a sociedade é importante para as análises de crítica literária. Percebemos uma construção estética que não deixa **Mayombe** ser uma obra superficial. O autor consegue encontrar o equilíbrio entre o real e o fictício e assim nos mostra aspectos intrínsecos da realidade de um povo. Novamente, é o diálogo entre espaço e sociedade que vai estabelecer as características relevantes da nação, e elaborar o debate sobre como essa cultura vai se constituir a partir dessas novas ideologias e costumes que são injetados na nação.

O trivial também não faz parte da construção de Pepetela, que não se fecha em questões excludentes, mostrando que uma consciência aberta é necessária para que se posso superar os desafios e os dilemas que surgirão. **Mayombe** não pode ser vista como uma obra vazia de sentidos, que apenas reproduz uma ideologia anticolonial, a relevância estética está presente na capacidade de assumir um posicionamento nacionalista, mas que não demoniza as influências coloniais que modificaram a dinâmica da sociedade angolana.

 As alterações existentes nas personagens - seu caráter pendular, ora em busca de uma mitificação, ora apresentando seus erros - há também na própria floresta, que tanto pode ser vista como um espaço de acolhimento como também de expulsão. Fato é que essa indissociabilidade contribui para uma obra que erige a nacionalidade angola, mas sem a consideração de seres com mais denodo do que os demais. Há, por fim, em **Mayombe**, uma nacionalidade crítica, que perquire uma Angola que se inscreve como uma nova possibilidade de civilização.

# REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2 ed.

CHAVES, Rita. Mayombe: Um Romance contra Correntes. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (org.). **Portanto… Pepetela**. São Paulo: Ateliê, 2009, p. 125-139.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 2 ed. 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias Africanas**: História e Antologia. São Paulo: Editora Ática, 1985.

PEPETELA. **Mayombe**. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 5 ed. 1993.

RUIVO, Marina. **Mayombe**: Angola entre o Passado e o Futuro. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (org.). Portanto… Pepetela. São Paulo: Ateliê, 2009, p. 241-248.

SILVA, Cibele V. C. **Mayombe**: uma estória de guerra e identidades: um breve estudo sobre a personagem Teoria. Espirito Santo: UFES, 2014. II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades.

SILVA, R. V. da R. e, & MATTOS, T. R. **Mayombe**: presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance. Revista Cerrados, v. 24, nº 40, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25604. Acesso em: 01/05/2022.